

Discurso na cerimônia de entrega do Prêmio Camões à escritora Maria Velho da Costa, por ocasião da IV Conferência dos Chefes de Estado e de Governo da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa

PALÁCIO ITAMARATY, BRASÍLIA, DF, 31 DE JULHO DE 2002

Os aplausos, tão calorosos, e as expressões de todos os senhores Chefes de Estado e de Governo dispensam maiores formalismos.

A partir de agora consideramos o Timor Leste como parte da CPLP, como Presidente eu o declaro.

Agora se me permitem os Senhores Presidentes, os senhores presentes, houve uma decisão do Conselho de Ministros da CPLP de que nós incluíssemos a outorga do Prêmio Camões do ano 2002, do conjunto da nossa agenda da CPLP, neste encontro de Brasília. Esse é um Prêmio muito importante, muito significativo, que foi criado em 1988 por uma iniciativa conjunta do Brasil e de Portugal.

Acredito que nada mais significativo do que o fato de termos, agora, ampliado o júri do Prêmio Camões, incorporando a ele os laureados de língua portuguesa, dos demais países da nossa Comunidade, não só brasileiros e portugueses. Fazem, todos eles, parte desse júri.

Esse prêmio tem tido um destaque muito grande. É um prêmio que está à altura dos mais altos galardões que são conferidos, em matéria de cultura e de literatura. E, neste ano, temos a imensa satisfação de entregar o Prêmio Camões à escritora Maria Velho da Costa, que aqui está.

Antes de pedir que o Presidente Jorge Sampaio passe, ele próprio, às suas mãos, senhora escritora, o prêmio, queria dizer, também, que nós todos sabemos o significado do Prêmio Camões para a valorização da língua portuguesa e para a afirmação cultural do mundo lusófono. Na verdade, mencionei 88, mas o prêmio vem sendo concedido, regularmente, há mais de dez anos. E ele é um prêmio que passou a ser patrimônio de toda a Comunidade.

Entendo que as futuras Conferências manterão a sistemática de outorgar o prêmio durante seus trabalhos. E eu não hesito em dizer que esse prêmio tem, para nós, o significado que para outras culturas tem o Prêmio Cervantes ou o Prêmio Goncourt. As pessoas às quais tem sido outorgado esse Prêmio – e agora Maria Velho da Costa se junta a essas pessoas – são todas de imenso mérito literário, da estatura de José Saramago, de Jorge Amado, de Antônio Cândido, de Pepetela, que é o Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos, nosso companheiro de Angola. São pessoas que, realmente, têm um destaque extraordinário. Basta recordar os nomes que têm sido homenageados para confirmar a densidade e a relevância dessa feliz iniciativa.

Agora, Maria Velho produz, por assim dizer, uma obra merecedora disso, porque é uma obra transitiva, que não se refugia no paroquialismo, mas busca a perspectiva do outro e valoriza as trocas culturais. Portanto nada mais apropriado que dar o Prêmio a quem faz eco, com refinamento, ao pendor universalista que tanto caracteriza a experiência dos nossos povos.

Não poderia deixar de mencionar a sensibilidade social da escritora e, sobretudo, sua condição feminina, o modo como trata a condição feminina, e as obras como *Novas Cartas Portuguesas* ou a peça *Madame*, onde coloca em cena – e isso nos apraz muito – personagens que são de Eça de Queiroz, mas são também de Machado de Assis.

As literaturas nacionais, portanto, são integradas no mesmo universo, e isso ajuda a expressão literária em língua portuguesa a promover essa expressão com o próprio idioma.

Quero, portanto, que a escritora receba nosso vivo reconhecimento por sua obra e pela contribuição que traz ao prestígio que, sabemos, é crescente, da língua portuguesa.

Passo a dizer e a Unesco lembra sempre isso de que – já foi mencionado o fato aqui – a nossa língua hoje é falada por mais de 200 milhões de pessoas, em todos os continentes. Não são muitas as que são faladas em todos os continentes. E, às vezes, quando não faladas, deixaram lá suas marcas.

Ontem, recebi o Embaixador de Sri Lanka, antigo Ceilão, que me disse várias palavras na língua dele, que não sei nem dizer como se chama. Entre elas dizia: sapato, camisa, casamento. Tudo isso é cingalês, tudo isso é português. Acho admirável o fato de esse idioma, nascido de um punhado de pessoas da Europa, ter semeado tanta cultura pelo mundo afora. Cultura que, muitas vezes, foi depois abafada por outras, como o caso que conto aqui, mas que em muitas outras, como no caso do Timor e como no caso dos países nossos, ao contrário, está cada vez mais florescente.

Acho que essa tradição nossa, esse português recebe, na verdade, a condição de ser uma língua perene exatamente porque conta com artistas do talento e da largueza de visão da Maria Velho da Costa.

Eu a parabenizo e peço que o Presidente Jorge Sampaio faça a entrega do prêmio, em nome de todos nós.

Muito obrigado.